

## As Populações Indígenas da Amazônia no Pensamento de José Veríssimo

Eveline Almeida de Sousa

**Resumo:** José Veríssimo figurou como um importante intelectual brasileiro do final do Império e dos primeiros anos da República destacou-se principalmente por sua atividade na crítica literária nacional, exerceu um papel fundamental no estabelecimento de uma história literária brasileira. Escreveu sobre temas diversos ligados à literatura brasileira, a nacionalidade e às questões pertinentes à região amazônica, de onde era natural. Em sua obra as populações indígenas da Amazônia são um assunto recorrente, assim, ele desenvolveu vários estudos sobre os hábitos e costumes desses grupos, pensando o lugar do indígena na sociedade amazônica e na cultura nacional. Este artigo, portanto, enfatiza seus estudos etnográficos e sociais sobre a Amazônia, no tocante às suas percepções sobre as populações indígenas. Propõe-se discutir, desta forma, como os índios são pensados em Veríssimo.

**Palavras-chave:** índios – Amazônia - intelectualidade

**Abstract:** José Veríssimo figured as an important Brazilian intellectual from the end of the Empire and the early years of the Republic, stood out mainly for his activity in the national literary critic, had a role key in the establishment of a Brazilian literary history. Wrote about several topics related to Brazilian literature, nationality and issues relevant to the Amazon region, place where he was from. In his work the indigenous peoples from Amazon are a recurrent issue, therefore, he developed several studies on the habits and customs of these groups, thinking about the place of indigenous society in the Amazon and national culture. This paper, therefore, emphasizes his ethnographic and social studies on the Amazon, with regard to its perceptions about indigenous peoples. So, it is proposed to discuss how Indians are thought in Veríssimo.

**Keywords:** Indians - Amazon - intellectuality

José Veríssimo nasceu em Óbidos, na província do Pará, em 1857. Até o fim da década de 1880, viveu na Amazônia, exercendo cargos públicos e escrevendo em diversos periódicos locais, como no *Liberal do Pará*, *Diário do Grão Pará*, *A República*, *A província do Pará*, e a *Gazeta do Norte*, do qual era fundador. Veríssimo viajou em excursões pelo interior da Amazônia, acumulando um profundo conhecimento sobre a região, desenvolvendo estudos sobre a vida na Amazônia, como a pesca, as populações mestiças, os hábitos e costumes (no Pará, publicou as obras *Primeiras páginas*, *Cenas da vida amazônica*, *Estudos brasileiros e Educação nacional*). Fez duas viagens a Europa onde, participou de congressos

---

Universidade Federal do Pará. Mestranda do programa “História Social da Amazônia”. Bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Pará – FAPESPA.

de literatura e antropologia, apresentando trabalhos sobre o homem da Amazônia e o movimento literário brasileiro (VERÍSSIMO, 1970:6-8). Em 1890, tornou-se diretor da Instrução Pública do Pará, nesta fase escreveu sobre a educação na província, que foi preocupação constante durante toda vida. A partir de 1891 até sua morte, em 1916, viveu no Rio de Janeiro, onde inicia definitivamente a sua carreira na crítica literária, sendo colaborador em vários jornais e revistas cariocas (como o *Jornal do Comércio*, o *Correio da manhã*, nas revistas *Kosmos*, *Renascença*, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, entre outras contribuições) atuando como jornalista literário, desenvolveu vários ensaios de crítica literária e notas bibliográficas, seu trabalho alcançou enorme visibilidade no cenário cultural e intelectual na capital do país (BARBOSA, 2002:281-282). Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio fundador da Academia Brasileira de Letras e é patrono da Academia Paraense de Letras. Seus escritos de crítica literária foram reunidos e organizados na *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, obra que consagra sua importante contribuição para uma historiografia da literatura nacional, de 1916 (BARBOSA, 2002:281).

Suas interpretações abarcam inúmeras discussões de cunho cultural, econômico e social, onde se destacam duas questões: a vida na Amazônia e a questão de literatura nacional, ambos associadas com o tema da nacionalidade. Assim, os debates sobre a província do Pará, e a Amazônia em geral, estão sempre dialogando com os assuntos em voga na Corte, o autor pensa o nacional através de um viés amazônico. Segundo Leandro Tocantins, “José Veríssimo, além de seus méritos de grande crítico literário, foi um analista social muito seguro, ao interpretar os quadros da vida amazônica” (TOCANTINS, 1966:59).

No universo social da região, as populações indígenas cumpriam um papel crucial nas relações sociais e econômicas, influenciavam o mundo amazônico em todos os seus âmbitos, num intenso processo de mestiçagem. É esta mestiçagem, nos cruzamentos entre raças e culturas, que será o objeto de análise do autor. No Império, o indígena sempre foi um tema entre a intelectualidade, desde o Romantismo até a chamada *Geração de 1870*. Esta corrente de intelectuais era ao mesmo tempo teórica e política, estavam preocupados com a realidade nacional e defendiam um reformismo nas estruturas sociais (ALONSO, 2000:51). Sílvio Romero, Araripe Junior e José Veríssimo, comungavam de tais princípios, e formavam os principais nomes da crítica literária ligada ao Naturalismo. O espírito nacional, para Veríssimo, deve ser pensando a partir das raízes históricas do país a partir dos diferentes elementos que o compõem (VERÍSSIMO, 1889:13). Na Amazônia, o Naturalismo enfatizou o

caráter regionalista, onde os autores realçavam os traços da natureza e as populações locais, o que explica o caráter etnográfico nas obras dos autores naturalistas, “José Veríssimo vem formar com Inglês de Sousa as duas figuras principais do regionalismo nascente na Amazônia” (TOCANTINS, 1966:59).

Os grupos indígenas são destacados em seus estudos etnográficos e históricos, no tocante à sua participação na história do país, na composição do elemento nacional; a sua contribuição no desenvolvimento da região; e o seu caráter moral mediante o projeto de civilização, pretendido pelos intelectuais.

No século XIX, diferentemente do século anterior, as populações indígenas estavam sob a tutela total do Estado Imperial. Pelo Decreto Imperial nº426 de 24/07/1845, conhecido como Regulamento das Missões, estabelecia-se as diretorias indígenas, onde estes ficavam a cargo de diretores leigos que deveriam zelar pela sua segurança e inserção no mundo civilizado. Os missionários eram responsáveis pela sua educação e catequese, sua instrução cívica e religiosa. Nos aldeamentos, os índios deveriam ser iniciados nos trabalhos agrícolas, ficavam sujeitos ao serviço público, poderiam trabalhar mediante o pagamento de salários, em tese, jamais poderiam trabalhar sob regime de escravidão ou exploração (MELATTI, 1993:187). O Regulamento objetivava que os índios, após a transformação do seu caráter, deveriam ser incorporados à sociedade, assim que lhes fosse destituídos os modos bárbaros. Logo, a política indigenista estava associada ao projeto de nação civilizada do governo Imperial. Ao longo do tempo, o sistema de diretorias foi se mostrando fracassado, obsoleto e mal sucedido, principalmente em função da corrupção dos diretores (BASTOS, 1866:290), o que prejudicou o processo de civilização.

A circulação de cultura indígena, suas influências e o seu caráter, são as preocupação de Veríssimo, assim, ele aponta o estado em que vive o tapuio, índio semi civilizado que vive num estado de inércia e indiferença. Comenta no artigo *Visita a Monte Alegre*, publicado em folhetim no *Liberal do Pará*, em 1877:

*A vida dos habitantes dos sítios é a mesma aqui que a dos outros do vale amazônico. Reina entre os seus habitantes – caboclos ou tapuios – como indistintamente os chamam, o mesmo fatalismo embrutecedor, essa indolência nociva e a falta completa de ambição de um vive melhor. Passando por um sítio perguntei à dona dele se plantavam ou criavam alguma coisa; respondeu-me não a ambas as perguntas, dando como razão de o não fazerem, a saúva que destrói as plantações e a peste que atava a criação. (...) de sorte que pra mim é um problema o modo de vida desta gente! (VERÍSSIMO, 1970:212)*

Desta forma, o caráter e o modo de vida das populações indígenas e mestiças parecem incompreensíveis aos olhos do crítico literário. Por este motivo, os tapuios são encarados como gentios que precisam de meios que promovam a sua civilização, a fim de transformar sua condição de índio.

No ensaio “As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia – sua linguagem, sua crença e seus costumes”, publicado na revista trimestral do IHGB em 1889 (publicado pela primeira vez em 1878), o autor tece um estudo detalhado e profundo sobre a mestiçagem e a questão racial na região, nele são definidos os traços etnográficos, a história e a situação moral dos tapuios e mamelucos da província do Pará. Segundo o próprio Veríssimo tratava-se de uma “pequena contribuição para o estudo da psicologia do povo brasileiro” (VERÍSSIMO, 1970:9). Este estudo demonstra em vários aspectos como a mistura de raças está presente na vida da sociedade amazônica, a partir da linguagem, das crenças, usos e costumes, como sugere o próprio título, e quais os possíveis caminhos para frear as influências indígenas na sociedade paraense.

Uma distinção fundamental no texto de Veríssimo é identificar os tipos de índios, aos quais ele se refere. Os índios puros, são aqueles anteriores à Colonização que viviam sem nenhum contato com a civilização, *brasílio-guarani*. O Tapuio era o índio filho de pais indígenas, mas que recebeu influências da civilização, este tipo, contemporâneo ao autor, já não tinha era diferente de seus antepassados, havia adquirido hábitos do mundo dos brancos. São raças indígenas semi civilizadas. O tapuio era degradado em relação aos seus antecessores, o contato com o homem branco o fez perder algumas virtudes da raça pura, guardou desta apenas os aspectos selvagens, enquanto que da raça branca incorporou os vícios. Eis como o autor o identifica:

*A essa população que habita as margens do grande rio e dos seus numerosos afluentes, vivendo a nossa vida, contribuindo para a nossa receita, trabalhando nas nossas indústrias, e que não é nem o índio puro, o brasílio-guarani, nem o seu descendente em cruzamento com o branco, o mameluco, é que, parece-me, cabe o nome tapuia. (VERÍSSIMO, 1970:14)*

Neste excerto, logo nas primeiras páginas do Estudo sobre as populações indígenas e mestiças, fica claro como essa população tapuia, indígena, estava presente na vida e na economia da região, e o caráter mestiço do tapuio.

Os selvagens amazônicos anteriores a Colonização, apesar de sua barbárie, eram uma raça com algum refinamento na cultura material, uma raça selvagem, mas aperfeiçoável, era

uma civilização mais perfeita que os seus descendentes. Os tapuios, resquícios daquelas tribos, por outro lado, caíram num abatimento moral e numa vida degradante. O autor, explica brevemente alguns motivos de tal declínio na cultura indígena:

*O abatimento a que chegou entre seus descendentes a arte cerâmica, tão florescente outrora, é uma prova eloqüente que as perseguições, a falsa catequese, todos os crimes que a cobiça baixa engendrava, fizeram de uma raça selvagem, mas aperfeiçoável, uma gente abastarda, dissimulada, odiando a civilização ou amando unicamente os vícios que fatalmente ela acarreta consigo: a bebedice, a rapina e a hipocrisia. (VERÍSSIMO, 1970:16)*

Para o autor, a colonização portuguesa e a catequese foram os fatores históricos que comprometeram a civilização dos índios. Nos primeiros tempos, a Conquista foi feita por pessoas em geral ignorantes e de má índole, os primeiros lusitanos que vieram para a Amazônia, eram soldados, criminosos de degredo e aventureiros audazes - “refugo da sociedade portuguesa”, por isso, não souberam lidar com o índio, usando de violência com o nativo. Os missionários também são colocados como culpados pelo insucesso da civilização dos indígenas, a ação jesuítica é condenada, afirma que os padres da Companhia foram falsos missionários, cobiçosos e exploradores do trabalho dos índios (VERÍSSIMO, 1970:16-17). O que marcava as ferrenhas disputas entre colonos e padres pelo controle da mão-de-obra indígena, “a história registra com horror os crimes atrozes, que à sombra da Cruz e da Lei se praticavam” (VERÍSSIMO, 1970:17). Assim, ele comenta sobre o legado colonial para as raças do Pará:

*Daquela Raça selvagem, inferior, perseguida e aviltada pela escravidão e pelo desmembramento de sua rudimentar família, e desta outra civilização superior, porém mal-educada e representada talvez pelo que tinha de pior, provieram o Tapuio e o mameluco, um coagido a viver uma vida artificialmente civilizada e cruzando-se, ou antes, mestiçando-se, se assim posso dizer, pela ação dos meios, o outro seu filho verdadeiro, com todos os defeitos de ambos, e quiçá sem algumas das boas qualidades de nenhuma. (VERÍSSIMO, 1970:20)*

Criticando as perseguições aos índios, a violência e a escravidão, Veríssimo condena os atos de crueldade que foram praticados, atribuindo à Colonização portuguesa e à catequese, o estado de degradação e abatimento moral dos tapuios, afastando-os do grêmio da civilização. Nesse sentido, é importante enfatizar como a memória da Conquista e a ação missionária, especialmente jesuítica, são fundantes nas explicações de Veríssimo. A memória dos jesuítas e do Marquês de Pombal (responsável pela expulsão da Companhia de Jesus em 1759) eram objetos de debates políticos no final do século XIX, principalmente entre Liberais, positivistas e conservadores, esse uso da memória servia para defender posições políticas e ideológicas. (BEZERRA NETO, 2002:47)

O estado do tapuio é lastimável para o autor, trata-se de um índio semi-civilizado, com vícios brancos e costumes bárbaros em seu caráter. Veríssimo aponta os desvios morais nos modos de vida do tapuio e do mameluco:

*A feição dominante do caráter desta gente é uma falta completa, absoluta, de energia e de ação. Todos os seus defeitos decorrem deste e neste se podem resumir. Vivem sob uma espécie de fatalismo inconsciente, e falece-lhes a ambição de tentar sequer sair desse estado. O tapuio, principalmente por ter, ou por seu gênio esquivo e desconfiado ou por motivo de côr, vivido mais afastado da nossa sociedade, ou ainda porque não tivesse apto para a civilização, ou por tôdas essas causas juntas, chegou a um abatimento moral lastimoso. Para ele não existe o dia de amanhã. O que tem come ou gasta sem cuidar da família, do futuro ou dos dias menos prósperos (...) Tem ambos menos moralidade e menos desse amor-próprio um pouco animal que para o selvagem é a honra. A virgem tapuia ou mameluca desnuda-se ou mal se cobre à vista de um estranho. (VERÍSSIMO, 1970, 21)*

Em outro momento o autor corrobora a assertiva acima: “Tudo o que exige ação, iniciativa, exercício continuado, persistência, a energia moral por onde as fortes individualidades se afirmam, lhes é impossível.” (VERÍSSIMO, 1970:22). Assim, a falta de vigor e a indolência, são elementos que compõem a natureza do tapuio, e se reflete nas habitações precárias, na desmoralização dos costumes, o labor inconstante e nômade, são traços da degradação e da miséria em que vive o tapuio. (VERÍSSIMO, 1970:24,70-75).

O tapuio vivia uma desmoralização dos costumes. Porém, o autor apontava algumas vantagens do tapuio em relação aos seus antepassados, como o desenvolvimento intelectual dos índios tapuios, que era superior comparado aos índios puros, e também, que eram homens pacíficos e de boa índole (VERÍSSIMO, 1970:22). Contudo, a persistência dos costumes indígenas na sociedade, é entendida como um obstáculo para o advento da civilização, por isso, essas influências precisavam ser exterminadas.

No tocante as representações dos índios na cultura nacional e na literatura, Veríssimo critica severamente a imagem que os autores românticos que criaram sobre os índios, que aparecem em seus textos como indivíduos virtuosos, benevolentes e ingênuos, o que o autor discorda porque são concepções idealizadas sem fundamentação histórica, que são projetadas para o passado do país, adotando hipóteses sem evidências e “distorcendo” a história, no que se refere aos índios (VERÍSSIMO, 1889:5,113). Na relação entre o Estado e a populações indígenas, Veríssimo tece sérias críticas ao tratamento dispensado às populações desde o período colonial, o autor comenta que “as leis e ordens régias sobre a liberdade dos índios sempre foram letra morta no Pará”. Segundo ele, o Diretório de 1757 é uma reunião de todas as legislações anteriores que se fizera cumprir naquele momento, “o mérito de Pombal foi tê-

la feito executar sem tergiversações” (VERÍSSIMO, 1970:150). Em relação ao Império, ele comenta sobre a lei que considerou órfãos os filhos não provindos do matrimônio, o que permitiu que as crianças indígenas fossem tiradas de suas famílias, ficando sob a jurisdição dos juízes de órfãos, o que contribuiu para o desmantelamento das famílias tapuias (VERÍSSIMO, 1970:75). Porém, Veríssimo não enfrenta a questão das diretorias do século XIX, pois, silencia em relação às diretorias e às missões capuchinhas. Ele pensa as missões tendo como referencial as missões jesuíticas do século XVIII, e não aquelas do século XIX. (HENRIQUE, 2008:210-21).

A história da região, portanto, em relação aos índios, foi marcada pela violência dos colonos e ação nefasta dos jesuítas, que minaram a educação dos índios e seu processo de civilização. Contudo, nesse encontro de culturas houve uma inversão de papéis, pelo menos no âmbito cultural, originalidade da região segundo o autor: a raça superior que carregava a civilização deixou-se influenciar em demasia, pela raça inferior e selvagem, incorporando seus hábitos seus hábitos e sua linguagem (VERÍSSIMO, 1970:85); E por último, essa mistura de raças associada a falta de civilidade, deu origem aos mestiços e tapuios da Amazônia, que no estado em que se encontravam, eram um problema, pois carregando ainda costumes bárbaros e vícios que adquiriam dos brancos, tornaram-se um obstáculo para a civilização.

Diante do profundo estado de degradação que o autor atribui ao tapuio e as raças cruzadas em geral, as soluções apresentadas para o problema das raças cruzadas do Pará, sofreu modificações. Num primeiro momento ele defende que os únicos meios de melhorar a condição desta população é através da educação e dos cruzamentos. O cruzamento é aconselhado sob dos princípios: ser uma raça enérgica e boa e efetuar-se em um meio educador, nesses termos associa a superioridade racial, pois a raça superior certamente faria a raça inferior (selvagem) sucumbir, à educação, como meio de civilizar os indivíduos. Porém, numa revisão do artigo sobre as raças cruzadas (1889), ele sugere que estas deveriam se aproveitadas, em função da sua força natural, na vastíssima região amazônica, ou seja, a força de trabalho dos índios e mestiços fosse utilizada para o bem e o desenvolvimento da região amazônica (VERÍSSIMO, 1970:86-87).

À revelia dos projetos oficiais de civilização, as populações indígenas aldeadas e livres, continuavam num intenso processo de assimilação, trocas culturais, e resistência de diferentes formas, estabelecendo diálogos com os demais grupos que habitavam a região,

mestiços, brancos e negros, entre conflitos e negociações. “Muitas vezes se dirigiam diretamente às autoridades evidenciando consciência do seu estado diferenciado e dos direitos resultantes disso” (HENRIQUE, 2008:223). Apesar do labor inconstante atribuído aos índios pelos intelectuais e administradores, eles continuavam a ser a força de trabalho vital nas relações de produção na região (SAMPAIO, 1994:64).

As preocupações de Veríssimo em relação às populações indígenas levam em consideração, sobretudo, a necessidade de desenvolver a província nas bases do progresso do ponto de vista econômico, e no aspecto social, construir o modo de vida civilizado entre a sociedade. Nesse sentido, ele ressalta a necessidade de desenvolver outras atividades além da borracha (VERÍSSIMO, 1970:248), e defende a instrução, a educação, como meio profícuo para o desenvolvimento da população. Desta forma, as noções de raça, etnia, sociedade estão diretamente ligadas ao desenvolvimento econômico, e ao grêmio da civilização.

Os tapuios apresentados por Veríssimo constituíam então numa população indígena mestiça, que intercambiava entre as influências do mundo não-índio e a sua condição identitária. O elemento indígena que atuava na economia, na produção da cultura, nas questões sociais de ordem, estava no cotidiano exercendo sociabilidades com os demais grupos. A indolência e a indiferença criticadas pelo autor dizem respeito ao comportamento desses grupos, estes por seu turno, não seguiam a vida e o trabalho regular que os projetos de civilização queria lhes impor, assim, a sua vida nômade e labor inconstante pode ser entendido como formas de resistência que esses grupos vinham exercendo desde a Conquista. Logicamente, conflitos violentos estão imbricados nessas relações de combate ao modo de vida indígena, que não cabem ser abordados neste momento, contudo, os tais hábitos selvagens continuavam a se alastrar pela sociedade em geral.

O crítico literário se destacou nacionalmente por sua contribuição a cultura nacional, por ajudar a compor a historiografia da literatura brasileira, igualmente, por ter colocado a Amazônia e as suas especificidades em pauta nos debates nacionais, de cunho científico, econômico e cultural. O seu gênio literário foi fundamental para despertar o sentimento em relação à região. Como no caso de Machado de Assis, citado por Leandro Tocantins, que “deixou-se tocar pela realidade cósmica de José Veríssimo, descrita em *Cenas da Vida Amazônica*”: “A floresta e a água envolvem e acabrunham a alma (...) Tudo é inumerável e imensurável (...) O senhor José Veríssimo dá-nos a sensação daquela realidade” (TOCANTINS, 1966:60). Para o intelectual paraense, portanto, a cosmovisão da Amazônia



precisava ser analisada como uma questão de caráter nacional, pois compunha parte da história da nação e estavam composição do espírito nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. **Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: Vol. 15, no 44 outubro/2000.

BARBOSA, João Alexandre. José Veríssimo: História da Literatura brasileira. In: *MOTA, Lourenço (Org.). Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico - 2.* 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2002, pp.279-297.

BASTOS, A.C. Tavares. **O Valle do Amazonas, estudo sobre a livre navegação do Amazonas, estatística, comércio, questões fiscais do Valle do Amazonas.** Rio de Janeiro: B.L. Garnie, livreiro editor, 1866.

BEZERRA NETO, José Maia. Os males da nossa origem: O passado Colonial através de José Veríssimo. In: \_\_\_\_\_; *GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). Terra matura: historiografia e história social na Amazônia.* Belém: Paka-Tatu, 2002, pp.39-61.

HENRIQUE, Márcio Couto. Sem Vieira, nem Pombal: memória jesuítica e as missões religiosas na Amazônia do século XIX. **Revista Asas da palavra.** Belém: Vol. 10, nº 23, pp. 209-233.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil.** 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e heranças sociais em Manaus 1849-1880.** Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1994.

SOUSA, Eveline Almeida. **O índio da Amazônia segundo os homens de letras do Império brasileiro (1855-1860).** Monografia de Conclusão de Curso. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.

TOCANTINS, Leandro. **Brasil: alguns valores essenciais.** Manaus: Edições do governo do estado do Amazonas, 1966.

VERÍSSIMO, José. **Estudos amazônicos.** Belém: Ed. da UFPA, 1970.

VERÍSSIMO, José. **Cenas da vida amazônica: com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia.** Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros (1877-1885).** Pará: Editores Tavares Cardoso e Livraria Universal, 1889.